

Revista de Ensino de Geografia

ISSN 2179-4510

www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ARTIGO

LUGARES DE MEDO E DE ALEGRIA NOS DESENHOS DE ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM AULA DE GEOGRAFIA

Léia Aparecida Veiga¹

Eloiza Cristiane Torres²

Liliam Araujo Perez³

RESUMO

Objetivou-se nesse estudo investigar, por meio de desenhos, quais os lugares considerados topofóbicos e topofilicos no cotidiano e no interior da escola dos estudantes de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola estadual na cidade de Londrina/PR no ano de 2017, bem como iniciar o trabalho com o conceito de lugar nas aulas de geografia junto à turma. A pesquisa de abordagem qualitativa demandou a utilização de procedimentos secundários (levantamento em trabalhos pautados na perspectiva de lugar segundo TUAN, 1979) e primários (desenvolvimento de aulas oficinas envolvendo o conceito de lugar e desenhos junto à turma de 6º ano). O conceito de lugar na perspectiva da geografia humanista permite a aproximação do conteúdo geográfico com a vivência do estudante. O trabalho com desenhos de lugares de medo e de alegria contribuem para a aprendizagem do conceito de lugar pelos estudantes ao passo que leva em consideração a vivência cotidiana e a experiência no ambiente escolar.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Geografia. Topofilia. Topofobia. Ensino Fundamental.

¹ Doutora em Geografia. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: lveiga.geo@gmail.com

² Doutora em Geografia. Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: elotorres@hotmail.com

³ Mestre em Geografia. Secretaria de Estado da Educação (SEED) Paraná. E-mail: liliamparaujo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A cada dia é crescente a busca do professor no sentido envolver os estudantes de forma significativa nas atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Isso, em parte, está relacionado às demandas da sociedade atual bem como ao enfrentamento de problemas diversos no ensino. A nosso ver, dentre as possibilidades, destaca-se a busca por um ensino, e em particular de geografia, que contemple o contexto socioespacial dos estudantes, o cotidiano e as experiências vividas, como ponto de partida para a construção do conhecimento científico em sala de aula.

Em se tratando das aulas de geografia, o trabalho com a categoria lugar é uma forma de aproximar a ciência geográfica dos estudantes. Ao contemplar a realidade vivida nos trabalhos de sala de aula, o professor estará criando condições para que desde cedo cada indivíduo saia da posição de mero expectador e passe a se ver como sujeito ativo em seu processo de aprendizagem.

Nesse sentido, questiona-se: como iniciar o trabalho a partir da categoria lugar junto a uma turma de 6º ano nas primeiras semanas de aula do ano letivo? Dentre as estratégias pedagógicas, neste estudo chama-se a atenção para o trabalho com um dos lugares experienciados pela turma, no caso o ambiente escolar e diferentes partes da cidade.

Assim, partindo de vivências na cidade e na escola, objetiva-se nesse estudo apresentar uma proposta de trabalho pautada em desenhos que expressem lugares considerados topofóbicos e topofilicos no cotidiano citadino bem como no interior da escola pelos estudantes de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II. Na pesquisa com abordagem qualitativa foram utilizados procedimentos secundários com levantamentos em material bibliográfico como livros e trabalhos acadêmicos. Também foram utilizados levantamentos primários, com a aplicação de atividades com desenhos junto a uma turma de 6º do Ensino Fundamental II, em uma escola estadual na cidade de Londrina/PR no ano de 2017.

O texto que segue foi organizado apresentando inicialmente uma breve discussão sobre o conceito de lugar que norteou a prática pedagógica, com destaque para a perspectiva da Geografia Humanista. Em seguida são apresentados e discutidos os resultados das atividades realizadas junto à turma de 6º ano em uma escola pública.

2 O LUGAR EM YI-FU TUAN: O CONCEITO NORTEADOR

Holzer (1999), ao discutir sobre o conceito de lugar na ciência geográfica, afirma que

somente a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente a partir da década de 1970, que o lugar passou a ter importância nos estudos geográficos de forma significativa. Até o período anterior, segundo o autor, o conceito de lugar não recebeu a devida importância nos estudos geográficos, em grande parte devido à constante busca pela objetividade na geografia clássica, período no qual lugar era entendido apenas em seu significado locacional, como um simples conceito de localização espacial.

Mas se na ciência geográfica acadêmica o conceito de lugar a partir de reflexões teórico-metodológicas foi repensado, no ensino básico, em particular nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, essa mudança no tratamento do conceito de lugar não ocorreu na mesma intensidade e velocidade. Ainda se faz presente nos bancos escolares a compreensão de lugar como simples localização. Cavalcanti (2008) assevera que é comum a associação de lugar a um ponto do espaço, a um local.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, a compreensão do lugar distanciou-se da ideia de localização e se aproximou do lugar enquanto dimensão do vivido, por dois motivos, segundo Nascimento (2012): primeiro devido às propostas curriculares dessa fase escolar, que contemplam a importância do lugar de vivência das crianças; o segundo motivo reside no fato dos aspectos históricos e socioespaciais do município serem obrigatórios entre os conteúdos de história e geografia nessa faixa etária de escolaridade.

A partir do 6º ano, quando se inicia as séries finais do ensino fundamental que culmina no ensino médio, o conceito de lugar enquanto dimensão do vivido não tem sido retomado no processo de ensino e de aprendizagem durante as aulas de geografia. Fala-se muito em formação para a cidadania, em participação do cidadão no âmbito municipal, mas, pouco se trabalha para que o estudante construa conceitos que possam auxiliar no exercício de sua cidadania.

Nascimento (2012, p. 26) destaca que preparar para o exercício da cidadania requer um ensino (em particular de geografia) com reflexões que possam

[...] ir além da localização do seu bairro, da sua cidade ou do seu município, sendo necessário compreender as lógicas que definem o funcionamento, as características, os modos de produzir e as desigualdades que conformam o lugar como espaço vivido; a partir daí, criam-se condições para que os alunos sintam-se sujeitos sociais no seu lugar de vida.

Em outras palavras, a formação de cidadãos demanda o exercício que deve ser iniciado na escola a partir de uma série de ações, dentre as quais, a abordagem e o trabalho com conceitos em uma perspectiva que contemple a vivência do estudante e a espacialidade

cotidiana do mesmo, ou seja, o lugar. Não adianta trabalhar somente com escalas regionais, nacionais e mundiais, se faz necessário voltar-se também para a dimensão do vivido, do experienciado mesmo nas séries finais e ensino médio.

Para Nascimento (2012), dois fatores têm corroborado para essa ausência da abordagem do lugar a partir do 6º ano nas aulas de geografia. Segundo a autora o problema reside na ausência de materiais didáticos e na formação do professor de geografia.

Os materiais didáticos, na maioria das vezes, reforçam o esquecimento do potencial do lugar para a aprendizagem dos estudantes, em particular o livro didático, que embora tenha apresentado avanços em termos de abordagem de conteúdos e de concepções de ensino, devido seu caráter generalista, tem privilegiado os aspectos gerais ou ‘coisas do mundo’ nas palavras da autora, em detrimento do lugar.

A formação do professor (inicial e continuada) também é um fator importante, ao passo que o professor ao desconhecer ou não reconhecer a contribuição do conceito lugar no processo de uma aprendizagem significativa e emancipadora do sujeito, deixará de envolver nos estudos geográficos em sala de aula o mundo que cerca a turma cotidianamente. Sendo esse fator, a nosso ver, o ponto cruciante, pois se o professor (re)conhece a importância de trabalhar a partir do lugar também nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio, a deficiência dos materiais didáticos não afetará o aprendizado os estudantes.

O problema é quando o professor não (re)conhece a importância desse conceito e deixa essa tarefa para o material didático, que por sua vez, não carrega em sua concepção essa função. O estudante no final das contas corre o risco de ficar sem reconhecer a geografia em sua vida e, principalmente, segundo Aigner (2006), pode ficar sem o conhecimento e a instrumentalização necessária para exercer sua cidadania no cotidiano, pois compreendendo as articulações do lugar com o espaço nacional e global, fortalecerá a identidade e valorização do lugar de vivência.

Como forma de anular esses dois fatores que tem interferido na abordagem do lugar nas aulas de geografia a partir do 6º ano, segundo Nascimento (2012, p. 26), os professores tem “[...] possibilidades de construção de práticas pedagógicas com vistas à ressignificação do lugar na educação geográfica, a partir de contribuições teóricas e metodológicas de algumas correntes da geografia”. A abordagem do lugar nas correntes da Geografia Crítica, pautada no materialismo histórico-dialético, e da Geografia Humanista, de cunho fenomenológico, contemplam o conceito de lugar sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas, contribuindo assim para o trabalho em sala de aula. A autora ressalta que, embora sejam caminhos diferentes para pensar o conceito lugar no ensino de geografia, ambas não se

excluem, podendo o professor lançar mão das duas interpretações para atingir uma visão mais integradora do lugar.

Para a prática pedagógica abordada neste trabalho, optou-se pela abordagem do lugar a partir da geografia humanista, em que pesem a interpretação de Tuan (1979) sobre o lugar e as discussões do autor sobre topofilia e topofobia. Essa opção foi ao encontro da faixa etária dos estudantes, no caso de 6º ano, que até o ano de 2016 se encontravam ainda nos anos iniciais do ensino fundamental, portanto, ainda em constante contato com a abordagem a partir do lugar de vivência.

Tendo como ponto de partida atividades introdutórias ao conteúdo, o conceito de lugar foi então trabalhado em sala de aula como produto da experiência humana, repleto de significados construídos pela experiência. Lugar enquanto “[...] a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1979, p. 387).

Partindo da ideia do autor, o lugar de vivência dos estudantes é o bairro que reside, as diferentes porções da cidade, a escola, dentre outros tantos, que são “conhecidos e dotados de valor” (TUAN, 1983) para o sujeito ou a coletividade. Um fundamento do lugar para o autor estaria na experiência, ou seja, estaria nas maneiras com as quais o indivíduo constrói e conhece a realidade, na capacidade de apreender o mundo a partir do seu entorno, do seu cotidiano, criando e (re)criando o mundo. Essa produção e (re)produção envolve, segundo o autor, pensamento e sentimentos. A experiência entendida nessa perspectiva, sendo individual ou coletiva, é o que torna os lugares visíveis e comprehensíveis segundo o autor.

Para a compreensão do espaço a partir a experiência, o autor em tela elaborou os conceitos de topofilia e topofobia, que dizem respeito às ideias de atração e negação dos lugares. Topofilia, nas palavras de Tuan (1980, p. 106), é o “[...] elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]”. Por outro lado, topofobia, segundo o autor, englobaria experiências desagradáveis, angustiantes, até mesmos tristes com os lugares, paisagens, espaços experienciados pelo sujeito ou coletivo.

Esses sentimentos de apego, de afetividade ou de repulsa em relação ao lugar podem ocorrer em relação a cidades, como a cidade natal, ou em relação ao bairro, uma praça, uma área de fundo de vale, a escola, enfim, há uma infinidade de lugares em termos de dimensão e tipos. Nas palavras do autor, “[...] os lugares humanos variam grandemente em tamanho” (TUAN, 1982, p. 149).

Adotando essa perspectiva de Tuan sobre o lugar enquanto espaço experienciado, repleto de sentimentos e de diferentes dimensões, a escola (como um todo ou em seus

diferentes ambientes) pode ser entendida enquanto um lugar, no sentido das experiências vivenciadas cotidianamente individual e coletivamente. Porções da cidade, o bairro, a sala de cinema, enfim, há uma infinidade de lugares que podem e devem ser trabalhados juntos aos estudantes.

No caso desse trabalho, por se tratar de uma turma de 6º ano, como atividade introdutória ao trabalho planejado pela professora regente para o 1º bimestre do ano letivo de 2017, inicialmente foi trabalhada a ideia de lugar a partir da vivência do estudante, sem delimitar ou direcionar uma parte ou porção do espaço em específico. Em um segundo momento foi solicitado que os estudantes apontassem por meio de um desenho e/ou escrita, um lugar que eles mais gostavam dentro da escola e outro que não gostassem por causar sentimentos de medo, angustia, etc.

3 A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO 6º ANO POR MEIO DE DESENHOS: O LUGAR E A EXPERIÊNCIA DE TOPOFILIA E TOPOFOBIA

Tendo por base a perspectiva de lugar segundo Tuan (1979), foram realizadas duas intervenções pedagógicas junto à turma de 6º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola estadual localizada no centro da cidade Londrina/PR no ano de 2017. Participaram da atividade média de 30 alunos no período vespertino.

A professora regente da turma estava iniciando uma unidade de estudo junto aos estudantes, objetivando trabalhar com o conceito de lugar no início do 1º bimestre letivo de 2017 junto ao 6º ano. Diante dos objetivos didáticos da professora e dos conteúdos previstos para a série, optou-se por realizar em um primeiro momento atividades com desenho envolvendo a ideia de lugar, como ponto de partida para as análises geográficas previstas no planejamento escolar para a referida série.

Em um primeiro momento foi solicitado aos estudantes que pensassem nas seguintes perguntas: Qual é o lugar que mais gosto? E qual lugar não gosto, que me dá medo? Para cada questionamento os estudantes produziram um desenho. O segundo momento foi mais direcionado em termos de lugar, foi escolhida a escola e solicitado aos estudantes que desenhassem a partir das seguintes perguntas: qual ambiente da escola eu mais gosto? E qual parte da escola me causa sentimentos ruins? Ao final de cada momento foi aberto espaço para os estudantes socializarem o que haviam feito e a professora estabeleceu um diálogo com os mesmos introduzindo a ideia de lugar na interpretação da geografia humanística.

3.1 Experiências em Diferentes Dimensões do Lugar na Cidade: topofilia e topofobia

No primeiro momento foi solicitado que cada estudante do 6º ano fizesse desenho de um lugar que gostasse e de outro que tivesse aversão ou medo, como forma de responder as seguintes questões: Qual é o lugar que mais gosto? E qual lugar não gosto, que me dá medo?

Em se tratando do apego, do gostar do lugar, muitos estudantes associaram com o lugar onde passaram boa parte das férias, pois por ser início das aulas, ainda eram memórias recentes. Vários foram os lugares indicados pelos estudantes presentes no dia de aplicação dessa atividade (Figura 1).

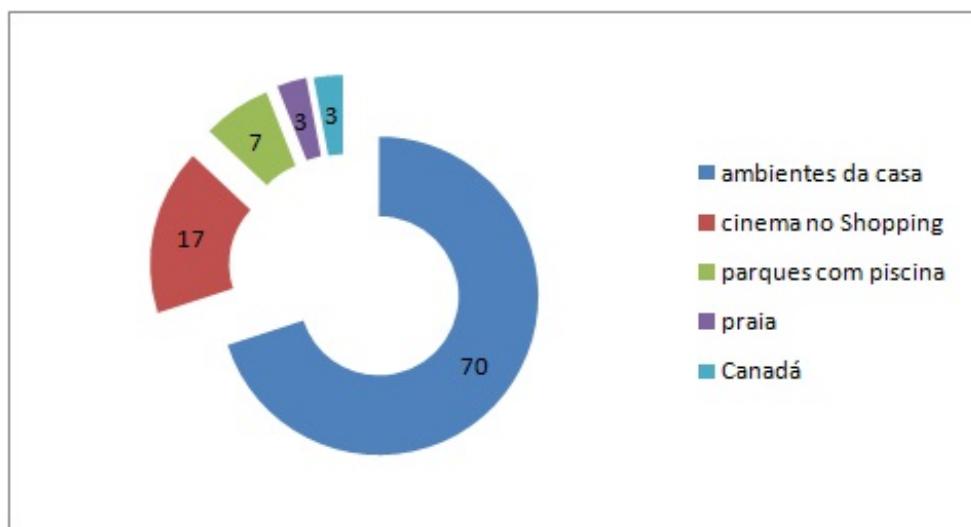


Figura 1: Os lugares preferidos dos estudantes do 6º ano A (%), 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

No gráfico da Figura 1 é possível verificar que a maior parte dos estudantes escolheu a casa como o lugar preferido. De um total de 31 estudantes, 70% apontou a casa, ou seja, 22 estudantes. Dentre os que escolheram a casa (ou lar, como escreveram), 05 estudantes destacaram o quarto como o lugar em que ficam mais contentes, com ênfase no videogame, internet, cama e mesmo animais de estimação e ventilador. A piscina foi apontada por outros 05 desenhos deste grupo que escolheu a casa. Tal fato correlaciona-se ao lazer, ao prazer dado aos mesmos principalmente no período de férias em que estavam e também às temperaturas elevadas do verão. A piscina também está relacionada ao tipo de habitação, pois muitos moram em condomínios verticais com *playgrounds*.

Alguns estudantes apontaram o cinema no shopping, 17% que equivale a 05 desenhos. Do restante, 7% destacaram a piscina nos parques aquáticos, outros 3% a praia e o Canadá em 3% do total. A praia se deve ao fato da permanência de uma estudante nas férias, e o Canadá,

é um sonho a ser realizado por outra estudante. Isto mostra que, muitas vezes, nosso lugar pode não ser um lugar concreto ainda, fica na esfera dos sonhos ou mesmo em um mundo virtual.

Na Figura 2 chama atenção a riqueza de detalhes dos desenhos do quarto, da área do *playground* de um condomínio vertical bem como da sala de cinema no shopping.

O primeiro desenho da figura destaca o quarto (inclusive desarrumado) e o segundo o prédio, sua área de lazer, animais e a criança brincando. O brincar nesta faixa etária, seja com *games* ou jogos corporais, são importantes e, normalmente, associados ao prazer e à alegria dos mesmos.

E por fim, tem-se ainda na Figura 2 o cinema no shopping, evidenciando clara relação com o *modus viventi* urbano, tendo em vista que shopping para o londrinense é uma dos principais tipos de lazer, não só pelo cinema, mas, por tudo que oferece, como a praça de alimentação, locais para brincar, lojas e a sensação de segurança maior do que passear pelas ruas da cidade, por exemplo. No desenho, é possível verificar detalhes da abertura do filme como a vinheta e a sua poltrona favorita: nem muito à frente e nem muito atrás. O fato de a representação conter detalhes mostra a concentração da estudante ao frequentar o cinema.



Figura 2: Em destaque desenhos de lugares de afeto e alegria para alguns estudantes do 6º ano A, 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

Quando questionados sobre o lugar que mais temem, as respostas foram um pouco mais diversificadas, porém com o cemitério em primeira opção, sendo indicado por 16 desenhos, ou seja, por 51% do total de 31 estudantes (Figura 3).

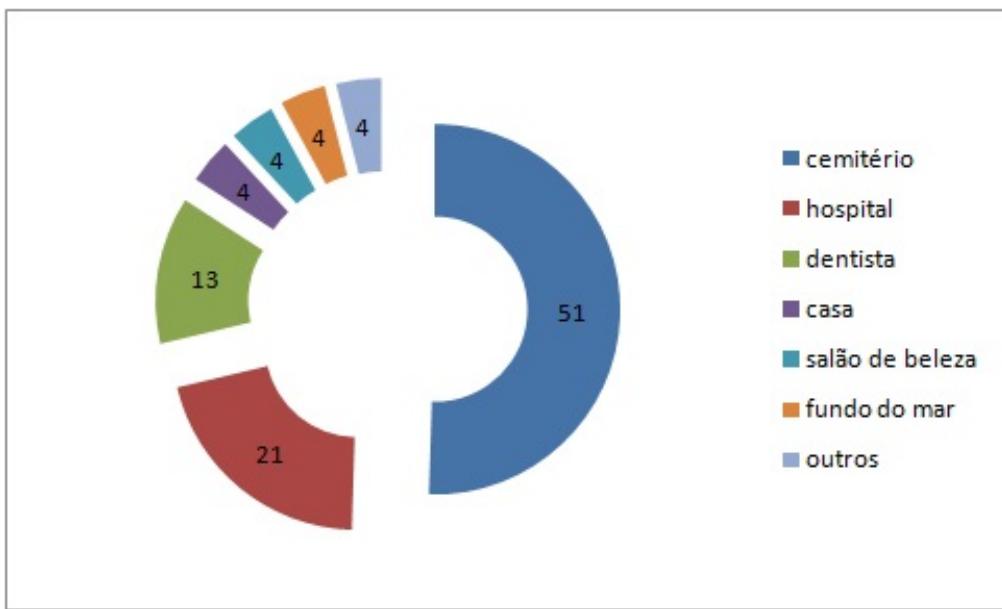


Figura 3: Os lugares que despertam o sentimento de medo nos estudantes do 6º ano A (%), 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

Nos desenhos que indicam o cemitério é possível verificar a associação com filmes de terror (Figura 4), principalmente pelos estilos de lápides norte-americanizadas e inscrições em inglês “R.I.P.”.

Os cemitérios também vêm associados a noites escuras, mas também aos dias chuvosos e despedidas. Nas representações também podem ser vistas famílias chorando e túmulos parecidos com o cemitério central. Aqui, o pânico despertado pelo filme de terror cede espaço para a dor da perda de entes queridos.



Figura 4: Em destaque desenhos de lugares de medo e angústia para alguns estudantes do 6º ano A, 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

Em segundo lugar que causa mais medo e incertezas é o hospital. Foi associado com dor, doença, mas principalmente como perda e ausência. Cerca de 6 estudantes, ou seja, 21 %, indicou o hospital como lugar de medo (Figura 4). Um dos alunos representou o símbolo cruz seguido pela palavra hospital e o corredor organizado como os túmulos no cemitério (Figura 4). Quando questionado sobre o “porquê” do desenho, o mesmo deixou clara a associação de doença e, por consequência, a morte.

Outro lugar que causa muito medo nesta faixa etária é o consultório odontológico (Figura 4). Ao conversar sobre isto com os estudantes que desenharam, observou-se que usam aparelhos ortodônticos, passando o consultório do dentista a ser um local de dor no momento de atendimento quando o barulho do motor causa sempre aflição nos mesmos e, também posteriormente, ao conviver por uns dias com a dor ocasionada pelo aparelho que, ao ser ajustado, incomoda no momento de se alimentar.

Outros lugares topofóbicos (TUAN, 1980) foram apresentados como fundo do mar, salão de beleza, e mesmo, a própria casa por motivos diversos (Figura 4).

Dentre todos os desenhos, um chamou atenção pelo fato de a aluna ter desenhado uma menina e, aparentemente, não tinha relação com o que foi pedido. Porém, ao observar as escritas no entorno pode-se averiguar que eram xingamentos e foi então associado com o *bullying*.

3.2 Experiências em Diferentes Lugares da Escola: Topofilia eTopofobia

O segundo momento consistiu em repetir a mesma atividade, ou seja, o desenho, mas tendo por foco os ambientes da escola na qual eles estudavam. A professora lançou os seguintes questionamentos: qual ambiente da escola eu mais gosto? E qual parte da escola me causa sentimentos ruins?

Os ambientes escolares mais citados foram o pátio da escola, a quadra da escola, a sala de aula e a hora do lanche, a sala de laboratório, a sala de aula, a sala de informática, a sala de aula quando tem aula de matemática, a sala do auditório, a cantina com merenda, a sala de aula estudando (Figura 5).

Em se tratando do lugar de afeto dentro do ambiente escolar, dentre os 29 estudantes presentes no dia que a atividade foi realizada, 11 estudantes desenharam o ambiente da quadra de esportes, ou seja, 39% afirmaram que gostam muito de ir para a quadra para brincar, praticar esportes e socializar com os/as amigos/as. Em segundo e terceiro lugares foram

citados a sala de aula e o pátio da escola, respectivamente por 6 e 4 estudantes, representando 22% e 14% respectivamente do total.

Os demais lugares foram citados por 2 estudantes, perfazendo em termos de percentuais o valor de 7%, no caso a sala de aula quando tem aula de matemática, e os outros lugares como a sala de aula e a hora do lanche, a sala de laboratório, a sala de informática, a sala do auditório, a cantina com merenda, a sala de aula estudando foram evidenciados cada qual por 1 estudante, ou seja, cada representou 3% do total.

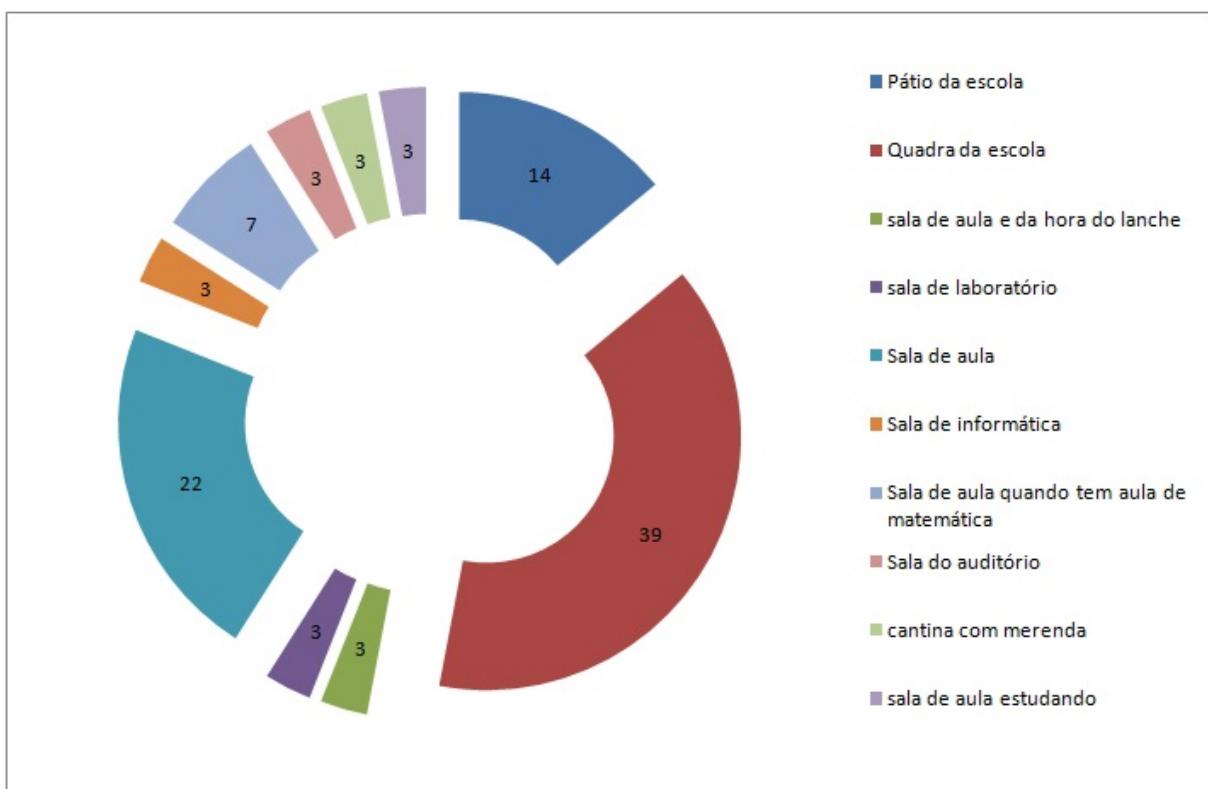


Figura 5: Os lugares da escola que despertam o sentimento de alegria nos estudantes do 6º ano A (%), 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

Chamou a atenção, porém não foi fato de estranhamento, que a quadra de esportes foi um dos lugares mais citados como topofilia (TUAN, 1980). Mais uma vez a associação com o lazer e com o brincar. O brincar para a criança está como o trabalho está para o adulto. Ao ser perguntado o “porquê” da escolha pela quadra, alguns alunos apontaram que era onde faziam as aulas de Educação Física e que podiam correr e brincar, ou seja, era o lugar para extravasar toda a energia da idade, lugar da alegria, como pode ser verificado nos desenhos (Figura 6).

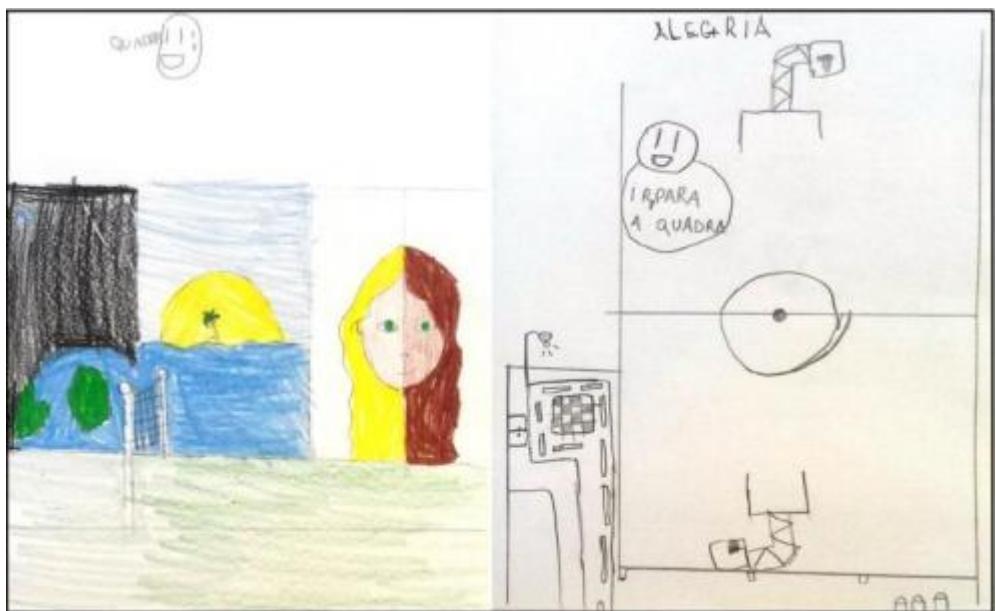


Figura 6: A quadra de esportes como lugar de alegria e afeto para alguns estudantes do 6º ano A, 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017

A sala de aula enquanto lugar de topofilia (TUAN, 1980), de apego e afeto, foi o segundo lugar mais citado entre os estudantes, perfazendo 22% do total. Ao serem questionados sobre o motivo do desenho, alguns disseram que gostavam de estar junto com os colegas e a professora nos transcorrer de uma aula (Figura 7), já outros apontaram o aspecto físico, no caso a presença do ar condicionado na sala de aula em época de calor intenso, fato que evidencia o quanto o ambiente dotado de infraestrutura é relevante no cotidiano escolar. É importante ressaltar que nenhum estudante indicou a sala de aula como lugar de medo ou de sentimento ruim.



Figura 7: A sala de aula como lugar de afeto para alguns estudantes do 6º ano A, 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

O pátio também foi descrito como o lugar gostoso de ficar na escola por 14% dos estudantes, ou seja, em 4 desenhos o pátio foi expressado como lugar de alegria, diversão, lugar do bem estar.

Na Figura 8 tem-se um desenho do pátio, mas da parte que engloba uma quadra aberta de esportes, ou seja, é no pátio que os estudantes podem brincar, correr, jogar, enfim, podem se movimentar assim como fazem na quadra de esportes já mencionada anteriormente.

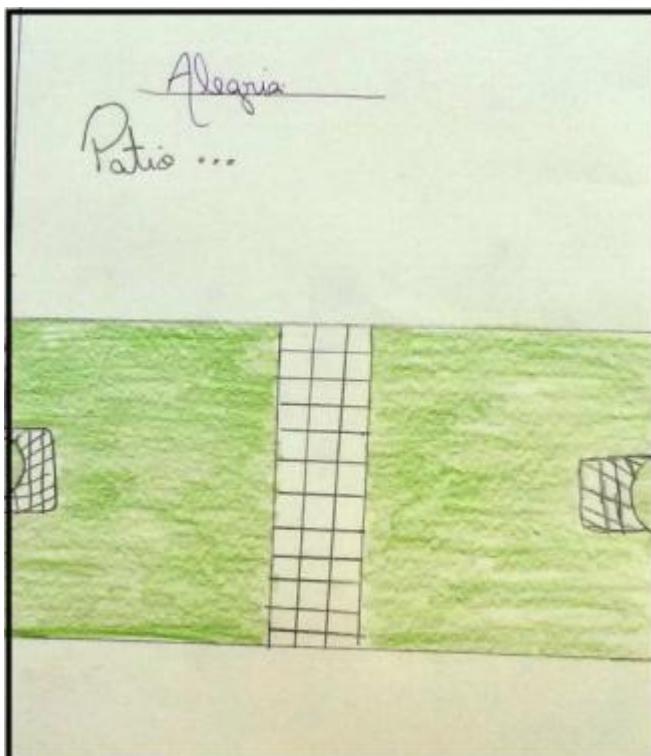


Figura 8: O pátio como lugar de afeto e alegria para alguns estudantes do 6º ano A, 2017.

Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

Ao serem indagados sobre o lugar de medo na escola, as professoras esperavam como respostas desenhos que representassem os lugares onde sofressem *bullying*. Porém os resultados indicaram o ambiente destinado à direção e também à equipe pedagógica como os maiores causadores de medo. Do total de 29 estudantes, 13 desenharam a sala da direção escolar, compondo o percentual de 44% (Figura 9). A sala da equipe pedagógica foi indicada por 4 estudantes, perfazendo 14% do total.

Os demais lugares indicados nos desenhos (Figura 9) foram a salinha do depósito ao lado da cozinha e o banheiro feminino, cada qual por 2 estudantes. Extrapolando o ambiente físico escolar, 2 estudantes citaram o medo de perder o horário e ficar fora da escola. A sala do berçário, a cantina com fila de alunos, o pátio devido aos alunos maiores, sala

desconhecida no final das escadas e banheiro masculino foram citados por 1 estudante cada. E ainda teve um estudante que não respondeu do que tem medo, pois estava na dúvida.

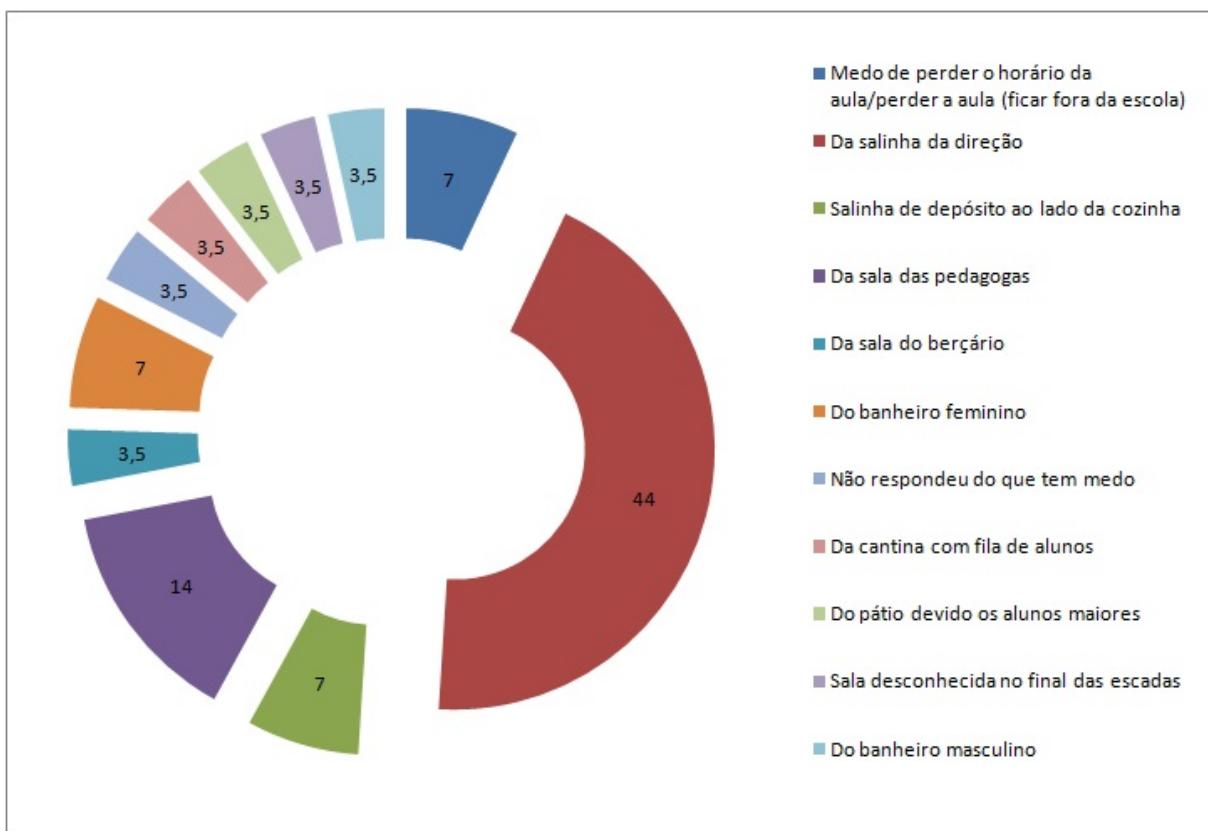


Figura 9: Os lugares da escola que despertam o sentimento de medo e angustia nos estudantes do 6º ano A (%), 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

Os dois principais lugares de medo se devem ao fato dos estudantes ao infringirem as regras de convivência em sala de aula, ser enviados diretamente para a sala da direção (Figura 10), ou então para a sala da equipe pedagógica (Figura 11), que acabam por cumprir em muitas escolas esse papel de resolver problemas originados em sala de aula ou em outro ambiente escolar. É muito comum em turmas de 6º ano isso ocorrer, principalmente pelo fato da maioria dos professores atuar em turmas de outras faixas etárias, e assim, ter dificuldades ao lidar com estudantes recém chegados das séries iniciais, ou seja, crianças ainda.

Em ambos os casos, o sentimento de medo e pânico ficou evidente nos desenhos das Figuras 10 e 11. É possível ver nos desenhos de rostinhos a expressão de desespero na boca e olhos. Também na Figura 11 tem o desenho de uma criança em meio aos desenhos das pedagogas, indicando choro.



Figura 10: A sala da direção escolar do colégio como lugar de medo e angústia para alguns estudantes do 6º ano A, 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.



Figura 11: A sala da equipe pedagógica do colégio como lugar de medo e angústia para alguns estudantes do 6º ano A, 2017. Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017

O medo do banheiro e da salinha de depósitos expressos nos desenhos da Figura 12, chamou a atenção da professora, que ao questionar ouviu dos estudantes que o medo do banheiro era pelo fato do mesmo se encontrar, em determinados horários, muito sujo e escuro, mas também em função da lenda urbana da “Loira do banheiro”, que estudantes mais velhos

sempre contam aos recém chegados no 6º ano. A salinha dos resíduos, o motivo do medo segundo os estudantes, reside no fato da mesma ser escura e ter a entrada proibida para os estudantes, impossibilitando assim saber o que ao certo tem lá dentro.

Ainda na Figura 12 é possível visualizar o desenho que indica o medo de acordar tarde e perder o horário de entrada na escola. O desenho indica a cadeira vazia, o livro em cima da carteira e a lousa cheia de trechos escritos, ou seja, para os estudantes faltar na aula significa perda de conteúdos.



Figura 12: Desenhos apontando o banheiro, a salinha de depósito de resíduos e a ausência na sala de aula como lugares de medo e angústia para alguns estudantes do 6º ano A, 2017.

Fonte: Informações de campo, 2017. Org. As autoras, 2017.

Assim como na atividade anterior, a referência ao *bullying* apareceu somente em um único desenho, evidenciando o medo que os estudantes menores do piso de baixo têm dos estudantes maiores do piso de cima.

De maneira geral, os dados relacionados à escola evidenciam que os estudantes possuem grande pertencimento, até mesmo porque passam um período de 4 horas por dia no lugar, ou seja, na escola. Desta forma, se divertem, têm medo, sentem emoções que muitas vezes não são percebidas pelos professores, que vivem um cotidiano atribulado em meio a tantas atribuições do dia-a-dia escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final das atividades, verificou-se que os estudantes se envolveram de forma ativa na atividade de desenho. Expressaram os lugares que gostavam e que não gostavam em termos de vivência cotidiana e de experiência no ambiente escolar. Partir dos desenhos e da participação ativa dos estudantes tornou a discussão qualitativa em termos de construção do

conceito de lugar. Os estudantes foram estabelecendo correlações entre o que desenharam e as intervenções orais da professora no momento de socialização e discussão.

Outro aspecto importante foi a criação de um ambiente prazeroso e de interação entre os próprios estudantes e também entre estudantes e professora. É importante destacar que os estudantes trabalharam individualmente, mas, sempre mantendo contato com o colega, verbalizando o que estava fazendo bem como ouvindo o que o outro também estava fazendo. Inúmeras histórias foram relatadas enquanto desenhavam, criando um momento de socialização importante para a turma que se encontrava ainda nas primeiras semanas de aula do ano letivo de 2017.

A utilização de desenhos para trabalhar o conceito de lugar além de carregar a possibilidade de estabelecimento de nova relação entre alunos, professor e conteúdo a ser trabalhado, pode contribuir para a dinamização da aula ao tirar o foco do livro didático, colocando-o como instrumento de apoio.

PLACES OF FEAR AND JOY IN THE 6TH YEAR STUDENT'S DRAWINGS IN GEOGRAPHY LESSONS

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate, by means of drawings, the places considered topofóbicos and topofilicos in the daily and inside of the school of the students of a class of 6º of Elementary School II of a state school in the city of Londrina / PR in the year 2017, as well as starting the work with the concept of place in the geography classes next to the class of 6th grade. The research of qualitative approach required the use of secondary procedures (survey in works based on the perspective of place according to TUAN, 1979) and primary ones (development of classes workshops involving the concept of place and drawings next to the group of 6º year). The concept of place in the perspective of the humanist geography allows the approximation of the geographic content with the experience of the student. The work with drawings of places of fear and joy contribute to the learning of the concept of place by the students while taking into account the daily experience and experience in the school environment.

Keywords: Pedagogical practice. Geography. Topophilia. Topophobia. Elementary School.

REFERÊNCIAS

- AIGNER, C. H. DE O. Geografia e educação ambiental: construindo a cidadania a partir da valorização do lugar na escola municipal professor Larry José Ribeiro Alves. In: AIGNER, C.; MOLL, J.; REGO, N. (orgs). **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- CAVALCANTI, L. DE S. **A geografia escolar e a cidade:** ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.
- HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanística. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.
- NASCIMENTO, L. K. DO. **O lugar no ensino de geografia:** um estudo em escolas públicas do Vale do Ribeira/SP. 2012. 265 f. Tese (doutorado em geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- TUAN, YI-FU. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G. (orgs.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht: Reidel, 1979, p. 387-427 (publicado originalmente em: Progress in Geography, (6), p. 211-252, 1974).
- _____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em 04/03/2019.

Aceito em 21/03/2019.